

Conclusão

Vários trabalhos¹ salientaram o papel desempenhado pelo corpo diplomático bem como, em última análise, o papel histórico da diplomacia, nos processos de construções nacionais tendo em vista a destacada e fundamental importância desses profissionais, ao longo da História dos últimos séculos, sobretudo na definição dos limites territoriais dos Estados Nacionais.

No tenso contexto do alvorecer do século XX, os posicionamentos dos analistas sobre o período, variam desde a consideração da diplomacia como um instrumento de civilização regulador das relações internacionais servindo como instituição responsável pela defesa das nações menos poderosas, passando por elemento estratégico de expansão comercial e negociadora em situações extremas de conflito armado, promovidas, fundamentalmente, pelas nações centrais da economia capitalista.

Nos debates da *Revista Americana* ficava latente a necessidade de se pensar um determinado projeto para as Américas em um contexto de evidente tensão entre uma ordem internacional, ainda vigente, baseada no princípio “hobbesiano-vestfaliano” e a gênese de um novo sistema internacional que só viria a se consolidar após 1945, com a “era da política mundial.”² Uma época, portanto, de transição, de crise de valores e de paradigmas, que trazia consigo um enorme desafio para aquela geração intelectual: o de compreender um mundo em constante mudança sem referências consolidadas.

O grande *lance* da *Revista* foi valorizar a diplomacia e indicar caminhos para o Brasil e a América do Sul, que deveriam ser trilhados, construídos. Ao

¹ Conforme visto no nosso primeiro capítulo

² Sobre isso ver, entre outros G. BARRACLOUGH. *Introdução à História Contemporânea*. Rio de Janeiro, Ed Zahar, 1976; Willians GONÇALVES. *Relações Internacionais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002. Robert JACKSON e Georg SORENSEN. *Introdução às Relações Internacionais*. Jorge Zahar Editor, 2007.

se perceber as estratégias e os rumos do Itamaraty nas décadas posteriores à publicação do periódico, fica claro qual o maior legado da *Revista Americana*. Ela representou a primeira experiência brasileira do que se denominou, posteriormente, “diplomacia cultural”, articulada a um projeto de aproximação sul-americana. Capitaneada pelos corpos diplomáticos do continente, tal política baseou-se na elaboração de uma moral e uma cultura próprias, da e para a América do Sul, a partir de articulações entre conceitos que se mostraram bastante caros para o debate diplomático e intelectual sul-americano da época, tais como: o pan-americanismo e a arbitragem na questão de limites territoriais.

Corroborando essa perspectiva, há aspectos presentes na própria estrutura da *Revista* que apontam para essa aproximação entre as nações sul-americanas. Nesse particular devemos, inicialmente, destacar a lógica divulgadora explicitada pelo próprio periódico, especificamente nas seções denominadas “Bibliografia”, que consistia em uma espécie de boletim acerca dos livros que chegavam ao conhecimento da redação, na seção “Revistas” que consistia em resenhas de alguns periódicos publicados na América e na Europa e, finalmente, na seção “Notas” direcionada aos leitores versando sobre assuntos diversos, com especial destaque para resenhas críticas sobre publicações a respeito da própria *Revista Americana*.

Outrossim, encontramos textos de caráter mais literário, versando desde a história da literatura e da crítica literária propriamente dita, até a poesia e a ficção. A maioria desses textos trazia consigo uma preocupação em divulgar elementos culturais, históricos e sociológicos, das várias nações da América do Sul, presentes no debate intelectual desde o último quartel dos oitocentos.

Um aspecto que merece destaque era o sentimento de americanidade que ganhava relevo, em diversas publicações que simultaneamente à defesa da pátria, da integridade territorial e da soberania nacional, projetavam a defesa de um ideal americano, especialmente em artigos que versavam sobre temas diplomáticos.

Vários textos de história e crítica literária apresentavam a clara função de informar ao leitor do periódico as diversas manifestações culturais de parte de América do Sul, em especial as do Brasil e Argentina, com algum destaque para o Chile, Uruguai e Peru, permitindo um maior conhecimento da literatura dos vizinhos, mas, igualmente, atualizando e incentivando a reflexão sobre as culturas políticas presentes, com o objetivo de valorizar as semelhanças entre as nações acima citadas.

Interessante perceber que a valorização dos aspectos em comum das nações sul-americanas foi bastante marcante no periódico. Podemos afirmar que a *Revista* tinha a preocupação em salientar tudo aquilo que poderia promover a aproximação entre as nações, associada com a defesa da tese, - conforme já visto-, de que a América era um continente de paz³. Logo, não haveria espaço para grandes divergências entre os países, bem como para relatar tensões sociais e crises políticas do continente. Tal fato ajuda a entender algumas ausências ‘deliberadas’ como debates acerca da Revolução Mexicana⁴ e sobre movimentos insurrecionais ocorridos no Brasil como a Revolta da Chibata por exemplo.

Dentre os textos que abordaram aspectos da literatura Hispano-Americana, com especial destaque para aqueles relacionados à história e à sociedade destacam-se: “Literatura Colonial del Peru”, de Carlos Wiesse⁵, “Ojeada sumaria sobre la literatura chilena”, de Agustín Cannobio⁶, “Historia de la literatura Argentina”, de Enrique Garcia Velloso⁷ e “La literatura uruguaya” (1757-1917), de Ventura Garcia Calderón e Hugo D. Barbagelata⁸. Principalmente os dois últimos, longos e detalhistas, buscam estabelecer um

³ Uma dessas aproximações, considerada por nós pedra de toque para se compreender o projeto da *Revista* relacionava-se com a valorização da Proclamação da República brasileira, considerado por alguns como o responsável pela superação das diferenças existentes entre as nações sul-americanas.

⁴ A Revolução Mexicana foi tema apenas mencionado por alguns articulistas.

⁵ Carlos WIESSE “Literatura Colonial del Peru”. *Revista Americana*, setembro de 1910.

⁶ Agustín CANNOBIO “Ojeada sumaria sobre la literatura chilena” *Revista Americana*, setembro de 1909

⁷ Enrique Garcia VELLOSO. “Historia de la literatura Argentina”. *Revista Americana*, janeiro de 1911, tendo sido publicado, de forma não contínua, até 1913.

⁸ Ventura Garcia CALDERÓN e Hugo D. BARBAGELATA. “La literatura uruguaya” (1757-1917). *Revista Americana*, novembro de 1918.

panorama bastante completo das literaturas de Argentina e Uruguai, cobrindo um recorte cronológico bastante significativo.

Encontramos ainda nessa perspectiva divulgadora de aspectos da literatura os trabalhos de Silvio Romero: “Quadro da evolução da literatura brasileira”; “História da Literatura brasileira”; “Da crítica e sua exata definição” e o “Brasil social”⁹. De José Veríssimo foram publicados: “O movimento literário de 1910”; “Noticias de alguns livros do ano passado” e “Evolução literária no Brasil”¹⁰.

O interesse em divulgar questões do meio intelectual sul-americano, aparece em obras como: “Solidariedad Intelectual de América” e “Intelectuales latinoamericanos”, de Félix Bayon¹¹; “La intelectualidad en Chile”, de Pedro Pablo Figueroa¹²; “Porvenir cultural de América”, de Luis Arquisám¹³ e “Poetas brasileños actuales” de Manoel Benavante.¹⁴

Aspectos artísticos e de cultura popular sul-americanos foram, embora com menor ênfase, igualmente apresentados na *Revista*. Trabalhos referentes aos legados das culturas pré-colombianas, indígenas e, até mesmo ao folclore nos diferentes países, tiveram algum espaço no periódico, fato que revela certa preocupação com as respectivas identidades culturais sul-americanas e o papel do popular nas mesmas. Dentre os artigos que foram publicados com essa perspectiva temos: “Civilizacion preincaica”, de Carlos Wiese¹⁵; “Las lenguas indígenas de la cuenca del Amazonas y del Orinoco”, de Rodolfo

⁹ Silvio ROMERO. “Quadro da evolução da literatura brasileira” *Revista Americana*, janeiro de 1910.; “História da Literatura brasileira” *Revista Americana*, julho de 1913; “Da crítica e sua exata definição”, *Revista Americana*, novembro de 1909, e o “Brasil social”, *Revista Americana*, janeiro de 1912 e edições seguintes

¹⁰ José VERÍSSIMO. “O movimento literário de 1910”. *Revista Americana*, abril de 1911; “Noticias de alguns livros do ano passado”, *Revista Americana*, maio de 1912; e “Evolução literária no Brasil”, *Revista Americana*, maio de 1913.

¹¹ Félix BAYON. “Solidariedad Intelectual de América”. *Revista Americana*, dezembro de 1909.; “Intelectuales latinoamericanos”. *Revista Americana*, abril de 1910.

¹² Pedro Pablo FIGUEROA. “La intelectualidad en Chile”. *Revista Americana*, fevereiro de 1910.

¹³ Luis ARQUISÁM. “Porvenir cultural de América”. *Revista Americana*, janeiro de 1913.

¹⁴ Manoel BENAVENTE. “Poetas brasileños actuales”. *Revista Americana*, setembro de 1919.

¹⁵ Carlos Wiese. “Civilizacion preincaica”. *Revista Americana*, abril de 1910.

Schüller¹⁶ ; “Lendas del diabo”, de Fabio Luz¹⁷ ; “O engenho do tinioso: lendas da serra e da baixada”, de Salvador de Mendonça¹⁸ ; e “El folk lore argentino: importância de su estúdio”, de Adán Queiroga.¹⁹

A busca de um ideal americano era preocupação de vários autores e, em nossa opinião, serviu de base para o projeto da publicação. Daí sua importância para a análise dos intelectuais que formaram as fileiras da diplomacia sul-americana, em especial a brasileira nos primeiros anos dos noventa e que serviram de base para o pensamento e a ação diplomática nas décadas seguintes.

Em relação aos diplomatas brasileiros não podemos nos esquecer que na sua esmagadora maioria eles foram oriundos, nesse início de período republicano, das fileiras da Monarquia. Pensar essa transição da Monarquia para a República é chave compreendermos as estratégias empreendidas pelo corpo diplomático e, em última análise, pelos argumentadores da *Revista Americana*. Não concordamos com os que tendem a colocar a diplomacia brasileira como herdeira nostálgica da época do Império. Acreditamos que ela assumiu um novo papel na ordem republicana se reconhecendo como parte de um grupo de nações que apresentava os requisitos necessários para conduzir um determinado projeto político e cultural responsável pela criação e, posteriormente, a consolidação de uma pretendida tradição republicana nas relações internacionais ao longo do século XX. Tradição esta que foi iniciada e anunciada precocemente nas páginas da *Revista Americana*.

Não podemos esquecer que foi justamente ao longo do século passado que o Itamaraty estabeleceu uma política institucional de formação permanente de quadros com a consolidação da profissionalização da carreira diplomática. Data do período imediatamente posterior ao fim da publicação da

¹⁶ Rodolfo SCHULLER “Las lenguas indígenas de la cuenca del Amazonas y del Orinoco”. *Revista Americana*, março de 1911 e edições seguintes.

¹⁷ Fabio LUZ. “Lendas del diabo”. *Revista Americana*, março de 1911.

¹⁸ Salvador de MENDONÇA. “O engenho do tinioso: lendas da serra e da baixada”. *Revista Americana*, junho de 1911.

¹⁹ Adán QUEIROGA. “El folk lore argentino: importância de su estúdio”. *Revista Americana*, junho de 1918.

Revista, anos 20 e 30, o início dessa preparação sistemática para a formação efetiva de um corpo diplomático, uniforme e, principalmente, altamente qualificado, sobretudo nos campos da História, da Geografia e do Direito, além, obviamente, das questões internacionais, tanto para representar o Brasil no exterior, quanto para legitimar, internamente, as ações do Ministério. Nesse cenário, edificou-se a criação do Instituto Rio Branco que, a partir dos anos 40, tornou-se o órgão responsável, por excelência, pela formação do corpo diplomático brasileiro.

Pensar o periódico como uma comunidade argumentativa nos permitiu observar os debates apresentados, os conceitos trabalhados, enfim, os atos de fala, que ganharam significação crescente no futuro, em função dos rumos tomados pela diplomacia brasileira e sul-americana.

A defesa de princípios como o de cooperação e intercâmbio entre as nações da América do Sul, de um lugar próprio no concerto das nações, de uma identidade única, de uma moral específica, de princípios jurídicos próprios e modelares para uma nova ordem continental e internacional são os elementos que informaram a atuação dos intelectuais na *Revista Americana*.